

# Entre “o confinar e o reflorir” e “a ciência e a vida”: disputas de sentidos sobre o espaço escolar durante a pandemia<sup>1</sup>

Thaís de Araujo da Costa<sup>\*</sup>  
Joyce Palha Colaça<sup>\*\*</sup>

*A história de todas as sociedades até hoje  
existentes é a história da luta de classes.  
Manifesto Comunista.  
Marx & Engels (2010 [1848])*

**Resumo:** Ancoradas na Análise de Discurso materialista, propomo-nos a analisar um vídeo publicado pelo SINEPE e o vídeo da “Campanha pela vida”, publicado pelo SINPRO-RIO, quando ocorria no Município uma disputa política e judicial sobre a retomada das atividades presenciais nas escolas. Em nosso gesto de análise, tomando os vídeos como materialidade significativa (LAGAZZI, 2011), trabalhamos na intersecção das materialidades verbo-visual. Com isso, objetivamos compreender o modo como, nessa imbricação, discursos sobre a ciência, sobre a escola e sobre os sujeitos que (se) constituem (n)esse espaço são formulados e (re)produzidos no discurso dos sindicatos.

**Palavras-chave:** Sindicato. Discurso de/sobre. Heterogeneidade mostrada.

**Resumen:** Basadas en el Análisis de Discurso materialista, nos proponemos a analizar un vídeo publicado por el SINEPE, y el vídeo “Campanha pela vida”, publicado por el SINPRO-RIO, cuando ocurría en la Municipalidad una disputa política y judicial sobre la retomada de las actividades presenciais en las escuelas. En nuestro análisis, tomando los vídeos como materialidad significativa (LAGAZZI, 2011), trabajamos en la intersección de las materialidades

<sup>1</sup> Este texto decorre do trabalho “Confinar” e “reflorir”: o discurso do capital sobre a ciência e a escola em tempos de pandemia, desenvolvido e apresentado no X Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), que teve uma primeira versão publicada nos Anais do congresso, com a análise inicial do vídeo do Sindicato dos Estabelecimentos de Educação Básica do Rio de Janeiro (COLAÇA; COSTA, 2021).

<sup>\*</sup> Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista do Programa Prociência (UERJ/Faperj). É coordenadora do Arquivos de Saberes Linguísticos (SaberLing/UERJ/Faperj) e uma das coordenadoras do Laboratório de Estudos em Gramática & Discurso (LabGraDis/UERJ/FAPERJ). <http://orcid.org/0000-0002-8599-3528> / E-mail: [araujo\\_thais@yahoo.com.br](mailto:araujo_thais@yahoo.com.br).

<sup>\*\*</sup> Professora Associada de Língua Espanhola na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integra o Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFS), os grupos de pesquisa Diálogos Interculturais e Linguísticos (DInterLin/UFS) e Transversal - Tradução literária e outras poéticas translacionais. <http://orcid.org/0000-0003-4125-5299> / E-mail: [joy.palha@gmail.com](mailto:joy.palha@gmail.com).



verbo-visual. Así, objetivamos comprender el modo como, en esa imbricación, en el discurso de los sindicatos, se formulan y se (re)producen discursos sobre la ciencia, la escuela y los sujetos que (se) constituyen (en)ese espacio.

**Palabras-clave:** Sindicato. Discurso de/sobre. Heterogeneidad mostrada.

**Abstract:** Anchored in materialist Discourse Analysis, we propose to analyze a video published by SINEPE and the “Campanha pela Vida” video, published by SINPRO-RIO, when a political and judicial dispute took place in the Municipality about the resumption of face-to-face activities in schools. In our analysis, taking videos as significant materiality (LAGAZZI, 2011), we work at the intersection of verbal-visual materialities. With this, we aim to understand how, in this imbrication, discourses about science, the school, and the subjects that are constituted in this space are formulated and (re)produced in the discourse of the unions.

**Keywords:** Labor union. Discourse from/about. Displayed heterogeneity.

## 1 As materialidades das disputas

É pela relação entre os dizeres em circulação numa dada formação social que se estabelecem as disputas, imaginariamente constituídas, entre sentidos e que estas – as disputas – tomam corpo (*corpus*) nas diversas textualidades às quais somos expostos/os cotidianamente. Durante o período pandêmico, que, embora menos evidenciado pelas notícias, ainda segue no momento da escrita deste texto, muitas foram as materialidades produzidas e reproduzidas em diferentes plataformas e suportes, jornais, revistas, canais de televisão, redes sociais *etc.* Dentre essas materialidades, entraram em disputa os posicionamentos de cientistas, políticos, grupos/movimentos sociais, profissionais da saúde, instituições variadas, enfim, diversos campos do conhecimento da sociedade civil.

Neste artigo, para empreender nosso gesto de interpretação acerca das disputas de sentido sobre a pandemia da COVID-19 e suas implicações, tomamos como *corpus* primário dois vídeos: o primeiro foi publicado pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Educação Básica do Rio de Janeiro (SINEPE), em julho de 2020 e tem 57”; e o segundo, com 1’ 25”, foi produzido pelo Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região (SINPRO-RIO) e publicado logo em seguida em suas redes sociais, sob o título “Campanha ‘Dignidade na Educação’ - Respeite @ professor/a = ao lado da ciência e da vida!”, significando-se/sendo significado como uma resposta ao primeiro. Ambos tratam

de um mesmo tema, qual seja, a proposta de retorno às atividades presenciais nas escolas do município do Rio de Janeiro e, ao abordá-lo, (re)produzem sentidos sobre a escola, sobre os sujeitos e sobre a ciência, num momento da pandemia em que ocorria, nesse espaço de enunciação, uma disputa política e judicial sobre a retomada das atividades presenciais nas escolas.

Posto isso, resta assinalar que partimos dos pressupostos teórico-analíticos da Análise de Discurso materialista para compreender as tensões que se colocam entre os vídeos e os discursos que ressoam na enunciação desse fato histórico. Inscritas nessa perspectiva, pressupomos que os procedimentos metodológicos se constituem no embate entre a descrição e a interpretação do *corpus*, daí termos organizado nosso gesto de análise (ORLANDI, 2003) da seguinte forma: primeiramente, buscaremos compreender as condições de produção em que se inscrevem os vídeos do SINEPE e do SINPRO-RIO, fazendo uma breve retomada de alguns acontecimentos históricos com os quais se relacionam; em seguida, mobilizando o conceito de materialidade significativa (LAGAZZI, 2011), procederemos à descrição-interpretação dos vídeos do SINEPE e do SINPRO-RIO, nessa ordem. Para tanto, trabalhando na intersecção das materialidades verbo-visual e refletindo sobre a relação estabelecida com a história, empreenderemos nosso movimento de leitura objetivando depreender o modo como discursos sobre a ciência, no imbricamento entre discursos sobre a escola e sobre os sujeitos que (se) constituem (n)esse espaço, são formulados e (re)produzidos no discurso do sindicato patronal e do sindicato de professores do município sobre os quais nos debruçamos.

## **2 Das condições de produção dos vídeos do SINEPE e do SINPRO-RIO**

Em 16 de março de 2020, o então governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, publicou o Decreto sanitário nº 46.973/2020 com o estabelecimento do isolamento social, cujo desdobramento provocou, dentre outras medidas, a suspensão das aulas presenciais em função da pandemia de COVID-19. A suspensão, que, a

princípio, seria de 15 dias, vinha sendo constantemente prorrogada desde então em virtude do aumento do número de casos no Estado. Tal fato causava muita controvérsia devido à insatisfação sobretudo da parte de alguns gestores das escolas privadas, que, dizendo-se pressionados por um grupo de pais de alunos, alegavam terem, em cinco meses de suspensão das atividades presenciais, feito “o dever de casa”, estando assim, conforme afirmado no vídeo do SINEPE, “a escola privada pronta para reiniciar”.

No final de maio, após anúncio realizado pelo então Prefeito Marcelo Crivella da reabertura gradual das atividades econômicas a partir de junho, o debate sobre a “volta às aulas” intensificou-se no município. O Plano de Retorno da prefeitura inicialmente previa a retomada “voluntária” (e aqui cabe perguntar: para quem?) das atividades presenciais nas escolas para julho. Desde então, no entanto, a data desse possível retorno mudou diversas vezes, sendo promovida inclusive, em uma das propostas, uma distinção entre o ensino público e o privado, cujo retorno passou-se a considerar que deveria anteceder o daquele. Essas recorrentes mudanças se deveram tanto a questões federativas, quanto jurídicas e/ou políticas, notadamente em virtude do embate ideológico entre Prefeitura e Governo do Estado.

Em 4 de julho, o sindicato dos professores do município do Rio de Janeiro e região (SINPRO-RIO) deliberou por maioria de votos em assembleia da categoria realizada virtualmente o estabelecimento de greve parcial, isto é, exclusivamente para as atividades presenciais. A manutenção da “greve pela vida”, conforme formulação proposta pelo próprio sindicato, foi ainda ratificada em outras assembleias realizadas em 1º e 15 de agosto. Nas intervenções orais realizadas por professores nas duas primeiras assembleias, dois pontos se destacaram, quais sejam: o questionamento da legalidade da greve na rede privada e o medo de se perder o emprego, seja por demissão, seja por motivo de falência da escola, em caso de não retomada das atividades presenciais.

A publicação do vídeo do SINEPE ocorreu no último final de semana de julho<sup>2</sup> – um pouco antes, portanto, da segunda assembleia realizada pelo SINPRO-RIO em 1º de agosto. A essa época, com mais de 1 mil mortes diárias, o Brasil estava se aproximando

---

<sup>2</sup> 25 e 26 de julho de 2020, respectivamente, sábado e domingo.

da marca de 100 mil mortos, sendo destas 100 mil quase 15 mil no Estado do Rio de Janeiro – onde o número de mortes se mantinha em torno de 100 por dia – e 8 mil no Município. Nessas condições sócio-históricas, nas redes sociais, o luto dividia espaço com as discussões sobre a “voltas às aulas”, quando o vídeo do sindicato patronal foi postado em suas redes sociais, sendo logo em seguida, no entanto, apagado.

Quanto a isso, lembremos, as reflexões de Dias (2015), a partir de Paveau, sobre o funcionamento do arquivo digital. De acordo com a autora, uma das características desse tipo de arquivo é a sua instabilidade, visto que, além de poder sofrer atualização, pode tornar-se indisponível ao acesso a qualquer momento. Essa instabilidade, contudo, escapa à vontade daquele que se responsabiliza ou que tenta não se responsabilizar pela postagem, já que, a partir do momento em que um arquivo “cai na rede”, controlar a sua circulação torna-se impossível. Com isso, Dias (2015) chama-nos atenção para o fato de que há algo no digital que falha, a despeito do poder que é ilusoriamente conferido aos seus “usuários”. Assim, apesar de, diante dos efeitos de leitura produzidos nos primeiros momentos de circulação do vídeo, o SINEPE tê-lo retirado das suas redes sociais, ele continua disponível no espaço digital, (re)produzindo sentidos a cada visualização. Foi assim que tivemos acesso a ele, notadamente por meio do canal do Uol na plataforma *YouTube*, onde foi publicado sob o título “Sindicato de Escolas Privadas do Rio critica Isolamento social”.

Dentre esses efeitos de leitura, destacamos aqueles produzidos a partir de enunciações filiadas ao SINPRO-RIO. Imediatamente após a publicação do vídeo do SINEPE<sup>3</sup>, o SINPRO-RIO publicou, em resposta, nas suas redes sociais, o vídeo intitulado “Campanha ‘Dignidade na Educação’ e intensificou a divulgação de cartazes da campanha #emdefesadavida, bem como de vídeos em que artistas e cientistas manifestavam seu apoio ao não retorno das atividades presenciais na escola.

Realizado um primeiro percurso de historicização das materialidades que nos propomos a analisar, passemos, então, à descrição-interpretação dos vídeos.

---

<sup>3</sup> A publicação no seu canal do Youtube tem data de 29 jul. 2020, segunda-feira.

### 3 SINEPE: “confinar” e “reflorir”

Como anunciado, a partir do conceito de materialidade significativa, tal como formulado por Lagazzi (2011, p. 402), trabalhando na intersecção entre as diferentes materialidades que compõem o vídeo do SINEPE, buscaremos refletir sobre a sua “imbricação material significativa”. Essa tomada de posição teórico-metodológica implica a consideração, assim como propõe a autora, de que a relação entre imagem/fala/musicalidade no vídeo não se dá por acréscimo, mas por contradição. Isto é, tendo em vista a incompletude constitutiva de cada uma dessas materialidades, trabalharemos uma no entremeio da outra, pensando a sua “composição contraditória” e, por conseguinte, tomando a unidade projetada pelo vídeo como efeito para então pensar a contradição nas/das relações sociais nele materializadas.

Na materialidade visual do vídeo do SINEPE, nos 3” iniciais, é possível perceber que o fundo do vídeo apresenta a predominância da cor cinza. Alguns tons em amarelo, azul e verde – cores da bandeira nacional – vão surgindo, como se iluminando o cenário escuro. Formam-se corpos de pessoas, adultos e crianças, sempre com a face triste nesses primeiros instantes.

Figura 1: Vídeo SINEPE – segundos iniciais



Fonte: SINEPE. Disponível em: <<https://bit.ly/3FCbnbn>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

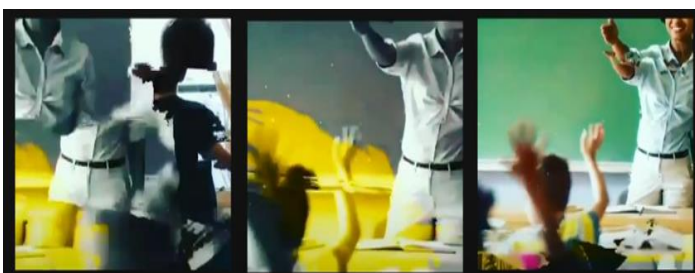
Aos 14”, o corpo de uma idosa aparece entre barras, como grades, que a prendem a um espaço solitário. Dentro do que se propõe como sua casa, atrás das grades, o

ambiente é escuro e, à sua volta, além das grades, o amarelo predomina. Na cena seguinte, aos 18”, o trabalho com a iluminação segue o caminho inverso. Tons em amarelo iluminam o espaço até aparecerem duas crianças de costas olhando para a rua através de uma janela. Quando o espaço restrito da casa se define, o cinza volta a dominar o ambiente, dissolvendo-se e formando o corpo de uma professora no espaço escolar, em que – sem máscara – interage sorridente com alunos que levantam a mão para participar da aula. Note-se aqui mais uma vez o jogo com os tons amarelo e verde.

Figura 2: Vídeo SINEPE – 14” e 18”



Figura 3: Vídeo SINEPE – 19”- 22”



Fonte: SINEPE. Disponível em: <<https://bit.ly/3FCbnbn>>. Acesso em: 13 de jan. 2022.

A relação entre essas cores prevalece durante todo o vídeo também pelo jogo entre os espaços abertos e fechados, rua/casa, sala de aula/tela do computador. Os corpos estão sempre olhando em direção ao exterior através de grades e janelas, retomando parafrasticamente a ideia do “confinar” materializada na textualidade verbal. Intensificando a ideia do “reflorir”, a partir dos 40” do vídeo, os espaços externos ensolarados passam a predominar, além da profusão de cores que acompanha expressões alegres e felizes. Assim, os sentidos de “confinar” e “reflorir” se opõem na materialidade visual e, como buscaremos demonstrar na próxima seção, também na verbal narrada por uma voz feminina e transcrita integralmente na sequência a seguir:

SD1: Os meses se passaram. Aprendemos a conviver com o vírus. O Covid nunca irá de todo, o que acaba é o medo. Hoje sabemos lidar, tratar, nos proteger, respeitando as rotinas, as regras e os protocolos. Estamos prontos. Fizemos o dever de casa. A escola privada está pronta para reiniciar. Vimos que a ciência é a vacina. Estudos só confundiram. Trancar todos em casa não

é ciência. Confinar é desconhecer, é ignorar, é subtrair vida, é fragilizar, debilitar, mexer com o emocional. As crianças precisam voltar a se relacionar, brincar, refazer laços, amizades. Rever seus amigos. Hora de reflorir. Recriar no novo tempo. O sol precisa voltar a brilhar.

#### 4 Uma proposta de leitura do vídeo do SINEPE: a contradição como categoria de análise

Em nosso gesto de leitura dos modos como a contradição se faz significar no vídeo do SINEPE, chamou-nos atenção, na materialidade verbal (SD<sub>1</sub>), uma formulação que produz um efeito de didatização, remetendo-nos à memória da organização dos conteúdos escolares na sociedade ocidental: a lista de palavras. Ao listar os verbos no infinitivo, enunciados parafrásticos tomam corpo e projetam como equivalentes alguns significantes, tais quais “confinar” e “subtrair vida”. O discurso do sindicato patronal, que se coloca como pedagógico (ORLANDI, 1983), se impõe autoritariamente pela saturação de enunciados entrecortados que, pelo deslize da denominação veiculada como “distanciamento social” para “confinamento” e pela rede que vai avançando na argumentação e se marca como “subtrair vida”, estabelece sentidos sobre a ciência instaurados imaginariamente a partir do lugar da escola, que, por sua vez, se institui como um lugar de mediação do saber científico.

Tal posicionamento se apresenta como uma evidência, um efeito de verdade (MEDEIROS, 2017), promovendo um apagamento do discurso científico e de suas recomendações, segmentando-o e ressignificando-o de modo a deslocar sentidos. Veicula-se um *discurso sobre*<sup>4</sup> a ciência, supostamente se aliando a ela pela defesa da vacina, mas a contrariando ao negar o distanciamento social. Na rede que se contrapõe, o discurso sobre o sujeito aluno é o da necessidade de que precisa refazer laços. Nesse

---

<sup>4</sup> A noção “discurso sobre” foi desenvolvida por Orlandi ([1990] 2008) em *Terra à vista*, obra em que a autora desenvolve estudos sobre os povos originários no/do Brasil nos discursos da colonização/invasão. Nesse texto, retomamos a noção para contrapor os discursos da ciência aos discursos sobre a ciência.

ponto, mobiliza-se a metáfora da primavera, significada como o momento de “recomeço” e textualizada em palavras como “reflorir”, “sol” e “brilhar”, além de no jogo que se faz nos tons do vídeo, que de cinza passam a verde, azul e amarelo e, posteriormente, a uma profusão de cores e corpos que tomam forma e mudam de acordo com a cena. Assim, na mudança entre o “confinar” e o retornar à escola, os sentidos que se reproduzem mostram a transformação do espaço da casa cinza, fria e triste para o da escola colorida, iluminada e feliz. Entretanto, o que não se diz nesse vídeo é que o lugar ocupado pelo enunciador não contempla os interesses de toda a comunidade escolar.

Dessa maneira, impôs-se em nossa análise refletir acerca da in/visibilidade colocada em movimento na contemporaneidade, conforme Romão e Galli (2013, p. 114-115), a partir do estabelecimento de “formas de poder(-saber) que são exercidas nos e pelos sujeitos, via práticas de formação e transformação que estabelecem modos de ser”. Um sindicato propõe-se a representar uma coletividade. No caso em tela, essa coletividade é constituída pelos proprietários de escolas privadas do Município do RJ, que se projetam no dizer por meio da expressão nominal “a escola privada” e pela desinência de 1ª pessoa do plural, construções que produzem como efeito a generalização daquilo que se toma por escola privada, apagando as condições materiais de existência das diversas escolas dessa rede.

Além disso, a 1ª pessoa do plural, dado o seu efeito inclusivo, conforme Colaça (2010), em formulações como “*Aprendemos a conviver com o vírus. / Hoje sabemos lidar, tratar, nos proteger*”, inscreve imaginariamente no dizer outras posições que não são ocupadas por aqueles que o sindicato representa. Concordando com Indursky (1997, p. 66), em nossa análise, tomamos emprestado o pressuposto de que o “nós”, inscrito pelas desinências verbais, assume o lugar de *não-pessoa discursiva*, “dado que [...] designa conjuntos lexicalmente não nomeados”. Logo, o que se coloca nesse funcionamento é a indefinição da referência que se faz quando se emprega um “nós” sem que antes esteja explícito quais grupos nele estão incluídos.

Por tal indefinição, nos cabe perguntar: Quem aprendeu? Quem sabe? A escola privada, segundo o seu sindicato, sem dúvida. E quem mais? O professor? Os demais profissionais da educação? Sobre esses nada se diz, mas o corpo de uma professora

aparece na imagem (Figura 3) no momento em que a narradora diz “*Estamos prontos. Fizemos o dever de casa*”, não só fazendo funcionar a ilusão de que, sendo o professor parte da escola, todos os professores da rede identificam-se a esse posicionamento, mas também silenciando o posicionamento do SINPRO-RIO, que, à época da postagem do vídeo, havia deliberado em assembleia “greve pela vida”, bem como dos demais sujeitos da/na comunidade escolar. Dito de outro modo, nesse imaginário de concordância entre as partes, o SINEPE diz em nome dos empresários da educação como se dissesse em nome de todos.

Mais adiante, defende-se que as crianças precisam voltar à escola, instituição que, por meio de paráfrases, é significada como espaço de socialização indispensável ao desenvolvimento infantil. Nessa rede parafrástica, certos sentidos se estabilizam (ORLANDI, [1999] 2009), fazendo esquecer que sentidos outros circulam sobre a escola, a significando, por exemplo, como lugar de grande transmissão do vírus. Vale ressaltar que, ao se dizer priorizar a necessidade dos alunos, projetam-se, como interlocutores do vídeo institucional, os responsáveis por alunos de escolas privadas, isto é, aqueles que, de um modo geral, pagam as mensalidades, movendo o mercado educacional. Assim, cabe perguntar: que outros sentidos estão em jogo no dizer do sindicato patronal sobre a escola, sobre os sujeitos da/na escola e sobre a ciência? Para responder a essa questão, apoiamo-nos na reflexão de Esteves (2021, p. 73, *itálico nosso*), que nos recorda que, “*para manter o sistema financeiro em funcionamento*”, a classe trabalhadora não poderá “*se isolar por muito tempo, protegendo-se de uma doença misteriosa e extremamente contagiosa*”.

Passaremos a tratar, na próxima seção, do vídeo do SINPRO-RIO, um texto que se relaciona com o *outro* de diferentes formas. No caso do vídeo do SINEPE nesta seção analisado, a relação se dá sob a forma daquilo que Authier-Revuz (1990) chamou de heterogeneidade mostrada não marcada. Uma outra alteridade, porém, como veremos adiante, se faz significar no dizer do SINPRO-RIO de forma marcada, a saber: o discurso da ciência filiado à Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

## 5 SINPRO-RIO: “Dignidade na Educação”

Na seção que se inicia e na que se segue, tentaremos compreender como se organiza a resposta do SINPRO ao vídeo do SINEPE, publicizado antes. Em seu canal no *YouTube*, o SINPRO propôs, como anunciamos, com o vídeo em análise, a “Campanha ‘Dignidade na Educação’ - Respeite @ professor/a = ao lado da ciência e da vida!”, cuja materialidade verbal reproduzimos na sequência abaixo:

SD2: A gente valoriza o conhecimento. Por isso, respeitamos os alertas da Fundação Oswaldo Cruz a respeito dos riscos de um retorno às aulas presenciais. Para a Fiocruz, não podemos voltar sem uma queda significativa e constante dos casos de COVID-19. Prezamos pela saúde de toda a comunidade escolar e acreditamos na vida e na ciência acima do lucro. Quando um aluno se expõe, coloca em risco também os professores, funcionários e parentes. No Rio de Janeiro, 600 mil pessoas de grupos de risco vivem na mesma casa que crianças e adolescentes em idade escolar. A Fundação recomenda também que se crie uma estrutura de apoio físico e psicológico para professores e funcionários. Com tantos cortes na educação, quantas oferecerão este suporte? Estas informações não são confusas. São estudos científicos. Quem trabalha com educação respeita a ciência. Não é hora de voltar à escola.

O áudio é narrado por uma voz feminina e, simultaneamente, sobre a imagem, aparece escrito em caixas dinâmicas que se alternam em fundo azul e vermelho – cores também encontradas no logo do sindicato – com letras vazadas em caixa alta. No vídeo, o que se vê, em sua materialidade visual, é a imagem de muitas pessoas, em tons de rosa pastel: umas estão mais próximas; outras, afastadas. Estão representados vários tipos de corpos adultos; não há, todavia, representação de crianças na imagem. Além dos corpos no cenário de fundo branco, são reproduzidas pequenas imagens vermelhas que reconhecemos como sendo de um vírus, imagens que circulam entre as pessoas e que,

nas condições de produção em questão, fazem alusão ao SARS-COV-2<sup>5</sup>, como podemos observar nas Figuras 4 e 5:

Figura 4: Vídeo SINPRO-RIO – 29”



Figura 5: Vídeo SINPRO-RIO – 38”



Fonte: SINPRO. Disponível em: <<https://bit.ly/3Pl2y4f>>. Acesso em: 10 maio. 2022.

A câmera segue um caminho como se adentrasse o cenário, passeando entre as representações de pessoas, até que para em um corpo no final do espaço e volta ao mesmo lugar do início, refazendo o percurso. De 1’07 a 1’12”, à medida que, no primeiro plano, se inicia o movimento de aparecimento das duas últimas frases da sequência transcrita acima (SD<sub>2</sub>), um outro movimento também se desenvolve no segundo plano: o esvaziamento progressivo da tela até então cheia de imagens de corpos e de vírus. Tal movimento de esvaziamento se conclui quando a última frase se completa: “Não é hora de voltar para a escola” –, estabelecendo, assim, uma relação direta entre a quantidade de pessoas e a de vírus em circulação num dado ambiente.

<sup>5</sup> A alusão é, conforme Authier-Revuz (2011), uma forma de heterogeneidade mostrada não marcada. Trata-se, para a autora, de um risco interdiscursivo na interlocução, já que consiste em “fazer passar, intencionalmente, seu dizer pela exterioridade interdiscursiva de um empréstimo não explicitado como tal – uma ‘alusão’ – oferecido sem marca ao reconhecimento do interlocutor, com risco de seu não reconhecimento” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 13-14). Authier-Revuz, como se pode depreender a partir do excerto citado, refere-se ao texto escrito unicamente, mas entendemos ser possível pensar a alusão aqui também em termos imagéticos, já que, na materialidade em análise, o vírus SARS-COV-2 – coronavírus que causa a doença COVID 19 – em nenhum momento é mencionado. Apenas a doença é referida, aos 20”, a partir da mobilização, sob a forma de heterogeneidade mostrada marcada, de dizeres filiados à Fiocruz. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Figura 6: Vídeo SINPRO-RIO – 1’07”; 1’09”; 1’12”



Fonte: SINPRO. Disponível em: <<https://bit.ly/3PI2y4f>>. Acesso em: 10 maio. 2022.

No fechamento do vídeo, é reproduzido o emblema, em vermelho, azul e dourado, comemorativo do aniversário do SINPRO-RIO, em que se lê: “1931-2020. 89 anos de vida e de luta em defesa dos direitos e conquistas na educação”.

Figura 7: Vídeo SINPRO-RIO: 1’23”



Fonte: SINPRO. Disponível em: <<https://bit.ly/3PI2y4f>>. Acesso em: 10 maio. 2022.

## 6 “Ao lado da ciência e da vida”: ecos do discurso da ciência

O primeiro período do texto do SINPRO-RIO apresenta em sua materialidade o sujeito gramatical marcado, “a gente”, seguido, nos períodos seguintes, de verbos conjugados em 1ª pessoa do plural, que, assim como o vídeo do SINEPE, se remetem a um conjunto de pessoas não estipulado. No jogo das formações imaginárias, os interlocutores ficam em suspenso, assumindo, pelo que já vimos com Indursky (1997), a posição de *não-pessoa discursiva*, como se lê, na SD2, em: “*a gente* valoriza o

*conhecimento*”; “por isso respeitamos os alertas da Fundação Oswaldo Cruz” (grifos nossos). Sendo o vídeo do SINPRO aquele que representa um conjunto de pessoas, imaginariamente, se implicam nesse “a gente” professoras e professores do Município, não mais os donos das escolas, mas os trabalhadores e trabalhadoras de determinada classe, aqueles que, de fato, ocupam, cotidianamente, o espaço escolar, junto a outros grupos que o movimentam, como porteiros, merendeiras, faxineiras, auxiliares administrativos, psicólogos, pedagogos, entre outros. Essa implicação é confirmada adiante, quando lemos: “Quando um aluno se expõe, coloca em risco também os professores, funcionários e parentes”. Ou seja, a discussão aqui se abre, com o uso do *também*, para grupos antes silenciados no dizer no sindicato patronal: não se trata de pensar no bem-estar apenas dos alunos, mas também (e sobretudo) daqueles que fazem a escola funcionar. Diante de um cenário pandêmico, a escola é, então, significada como um lugar de alta transmissibilidade do vírus e de risco à vida de professores, de funcionários e, conseqüentemente, dos seus entes queridos.

Complementarmente, na materialidade verbal, outras vozes são marcadas na enunciação e passam a compor o dizer do sindicato. Para empreendermos a análise desses comparecimentos, retomaremos aqui a reflexão de Authier-Revuz (1990). De acordo com essa autora, há diferentes formas de representação do discurso outro, tomado como interdiscurso, a heterogeneidade constitutiva de todo e qualquer dizer. A esse conjunto de formas por meio das quais a alteridade se inscreve na sequência do discurso Authier-Revuz chamou de heterogeneidade mostrada. Trata-se, nas suas palavras, de “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26), formas que “manifestam, sob a forma de denegação, um desconhecimento protetor da heterogeneidade constitutiva” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). A heterogeneidade mostrada pode ser marcada, quando a alteridade emerge no discurso nos lugares em que se tenta encobri-la, quebrando a continuidade e/ou a suposta homogeneidade do dizer e do sujeito falante justamente onde se tenta, por meio de formas linguísticas, conter a diferença; ou ainda, como veremos adiante, não marcada.

Paremos por um momento nisso que a autora chama de heterogeneidade mostrada marcada para refletirmos a respeito da mobilização de dizeres outros no vídeo do SINPRO-RIO. Dentre as formas de representação do discurso outro que vão implicar a heterogeneidade mostrada marcada, Authier-Revuz elenca aquelas que constituem o discurso relatado (discurso direto e indireto). De fato, próximo ao final da sequência transcrita na seção anterior (42”-56” do vídeo), lemos: “A Fundação recomenda também que se crie uma estrutura de apoio físico e psicológico para professores e funcionários”. Nesse período, por meio do discurso indireto, busca-se reformular com outras palavras o sentido do discurso (de) outro, a saber, aquele que se filia à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

A referência à Fiocruz, todavia, já havia sido realizada logo no início do vídeo do SINPRO-RIO, entre 5” - 20”, como podemos ler em: “Por isso, respeitamos os alertas da Fundação Oswaldo Cruz a respeito dos riscos de um retorno às aulas presenciais. Para a Fiocruz, não podemos voltar sem uma queda significativa e constante dos casos de COVID-19”. No primeiro período desse recorte, materializa-se a identificação do sindicato ao alerta atribuído à fundação, ao passo que, no segundo período, por meio do discurso segundo, mobiliza-se o *discurso da* Fiocruz.

Com vistas a melhor compreender esse funcionamento, buscamos enunciações dessa instituição no período de publicação do vídeo do SINPRO-RIO e encontramos em seu site o arquivo em pdf do “Manual sobre Biossegurança para reabertura no contexto da COVID-19”, que então mobilizamos como *corpus* secundário. Com 41 páginas, a primeira versão desse manual foi publicada em 13 de julho de 2020. Nele, lemos as sequências discursivas (SD<sup>6</sup>) que reproduzimos a seguir:

SD A’: disponibilização de equipe de trabalho para acompanhamento pedagógico e retaguarda psicossocial para a comunidade escolar (FIOCRUZ, 2020, p. 17 – das “Condições necessárias para a promoção de boas práticas de biossegurança nas escolas”)

SD A’’: constituir equipes de referência para apoio pedagógico, apoio psicossocial e de saúde. (FIOCRUZ, 2020, p. 19 - em medidas para “Articulação interinstitucional para o fortalecimento das relações nas escolas”)

---

<sup>6</sup> Para diferenciar das SDs do *corpus* primário, optamos por identificar as SDs recortadas do *corpus* secundário com letras, em vez de números.

SD B: Condições admissíveis para a realização de práticas pedagógicas de forma presencial só poderão se dar mediante redução sustentada do número de casos novos da Covid-19, indicando, portanto, a redução da transmissão comunitária da doença. (FIOCRUZ, 2020, n. p. – “Apresentação”)

Em SD A' e SD A", recortamos enunciados que colocam a necessidade da constituição de equipes de apoio pedagógico, psicossocial e de saúde para toda a comunidade escolar, da qual fazem parte – mas não só – os professores e os demais funcionários. O *Manual*, no entanto, não se refere em nenhum momento especificamente a esse grupo, como se lê na reformulação do SINPRO-RIO. Logo, diferentemente do que postula a tradição linguística, essa reformulação do sentido atribuído ao outro, por meio do discurso indireto, como pontua Authier-Revuz (2001), por se dar a partir de um quadro enunciativo e situacional distinto, constitui-se como uma paráfrase somente aos olhos do seu enunciador. Nesse sentido, cabe destacar que, discursivamente, entende-se que não somente a reformulação do que se lê é assim determinada, mas também a leitura é sempre um movimento (re)produzido a partir de um dado lugar, sob condições de produção específicas – donde o princípio de que o sentido sempre pode ser outro.

Já em SD B, recortamos o único enunciado em que, no *Manual* da Fiocruz, impõe-se a necessidade de redução dos casos de COVID-19 para a realização de atividades presenciais na escola. Nessa sequência, como se pode observar, inscreve-se, mais uma vez, o movimento parafrástico. Antes de darmos prosseguimento ao nosso gesto analítico, gostaríamos de ressaltar que nosso objetivo, ao retomar enunciações da Fiocruz, não é chegar a um enunciado original, mas refletir acerca dos efeitos de sentido decorrentes do movimento supracitado e de como os dizeres ali reproduzidos ressoam no vídeo do SINPRO-RIO, que, dessa forma, se filia ao *discurso da ciência*<sup>7</sup>.

Posto isso, retomemos o recorte da sequência no vídeo do SINPRO-RIO (SD<sub>2</sub>) em que, como pontuamos acima, comparece o discurso segundo: “Para a Fiocruz, não podemos voltar sem uma queda significativa e constante dos casos de COVID-19” (grifos nossos). Nesse período, o sintagma *Para a Fiocruz* é, conforme Authier-Revuz (2001), um

---

<sup>7</sup> Voltaremos a esta discussão na sequência.

elemento modalizador circunstancial facultativo, já que o mesmo enunciado em que comparece poderia ocorrer sem ele, ainda que produzindo outros efeitos de sentido. Mas é justamente o fato de esse sintagma comparecer que nos interessa pensar aqui. Por meio dele, mobiliza-se o dizer de uma autoridade – a Fiocruz, que teria dito “não podemos voltar sem uma queda significativa e constante dos casos de COVID-19” –, mas diferentemente do que vimos com o discurso indireto, aqui não há apenas representação de um discurso outro, mas modalização por discurso outro. Essa modalização permite que o SINPRO-RIO diga sobre a retomada das atividades presenciais nas escolas *com o* dizer de outro, isto é, com um dizer outro atribuído à Fiocruz. Em outras palavras, não está em jogo apenas o que *eu* digo que a *Fiocruz* diz (ou como eu represento no meu dizer o dizer da Fiocruz), mas o que *eu* digo *com a Fiocruz*. Na formulação com o *discurso segundo*, o dizer da Fiocruz não é, tal como ocorre com o *discurso indireto*, o objeto de que fala o locutor, não há alteração do quadro enunciativo e situacional, mas sobreposição de dizeres (o que eu digo é o que o outro – a Fiocruz – diz). Materializa-se, desse modo, a identificação do sindicato dos professores da rede privada ao discurso atribuído à Fiocruz.

A esta altura, é importante considerarmos aqui quem é esse outro de quem e com quem o SINPRO-RIO diz sobre a pandemia e sobre a retomada das atividades presenciais na escola. Criada em 1900, a missão da Fiocruz, conforme comparece na sua página, é

Promover a saúde e o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico, ser um agente da cidadania. Estes são os conceitos que pautam a atuação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), vinculada ao Ministério da Saúde, a mais destacada instituição de ciência e tecnologia em saúde da América Latina. (FIOCRUZ, ON-LINE)

Além da publicação do *Manual* supracitado, durante a pandemia de SARS-COV-2, a fundação atuou de forma ativa na produção e distribuição de vacinas, notadamente da Astrazeneca, por intermédio da parceria com a farmacêutica britânica Oxford. Ou seja, não é qualquer dizer (de) outro que é mobilizado de forma marcada no discurso desse sindicato, mas o de uma fundação centenária, reconhecida nacional e internacionalmente por suas contribuições científicas e tecnológicas.

Na materialidade verbal do vídeo do SINEPE (SD<sub>1</sub>), indicamos que o discurso do capital sustentava os dizeres daquele sindicato, representado pelas escolas privadas – “*a escola privada está pronta para reiniciar*” –, o que nos permitia compreender que o próprio enunciador determinava o que deveria ser feito a partir de seu próprio lugar, em uma circularidade projetada: a escola privada diz que a própria escola privada está pronta para retornar. Não há o outro, não há a ciência. Em “*vimos que a ciência é a vacina. Estudos só confundiram. Trancar todos em casa não é ciência*”, fica silenciado, por exemplo, que os mesmos que produzem a vacina são aqueles que produzem os estudos que defendem a necessidade de distanciamento social. O SINPRO-RIO, por sua vez, ao mobilizar de forma marcada dizeres da Fiocruz (SD<sub>2</sub>), nomeia, metonimicamente, a ciência, fazendo intervir em sua enunciação exatamente o que foi silenciado pelo SINEPE. Assim, é lícito afirmar que, em ambos os vídeos, no trabalho de representação ou modalização do dizer (do) outro, ressoa a disputa que se manifesta socialmente em diversos espaços entre os apoiadores do discurso da ciência e os contrários às suas determinações. SINEPE e SINPRO-RIO se significam, dessa maneira, pelas posições em que se inscrevem ao enunciar contrariamente: “*estudos só confundiram*” e “*respeitamos os alertas da Fundação Oswaldo Cruz*”, respectivamente.

No tocante a isso, observemos ainda que, na materialidade expressa no título do vídeo do SINPRO-RIO, “*Ao lado da ciência e da vida*”, compõe-se, juntamente com outras instituições, um chamado à ciência e à vida, em uma relação direta. A Fiocruz, por meio de sua Escola Politécnica, participou de um fórum sobre as escolas públicas. Em suas palavras:

SD C: A Escola Politécnica tem fomentado a criação de um fórum permanente das escolas públicas do Rio de Janeiro e está contribuindo na organização e nas ações do ‘Fórum de Articulação Educação Básica e Universidade na Baixada Fluminense do RJ: pelo direito à vida e defesa da ciência, lançado no dia 03 de julho em parceria com a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/Uerj). (FIOCRUZ, 2020, n. p., grifo nosso)

Ou seja, o SINPRO-RIO se identifica, desde o título do vídeo em análise, aos sentidos que se materializam no Fórum do qual participam as escolas federais, politécnicas e universidades – espaços de produção e circulação de saberes científicos,

instituições significadas socialmente como detentoras de autoridade no tema em questão.

Há ainda mais um outro que se faz significar no discurso do sindicato dos professores e sobre o qual não podemos deixar de falar: o SINEPE. É em resposta ao vídeo publicado (e apagado) nas suas redes sociais que, como anunciamos no início deste artigo, o vídeo do SINPRO-RIO se significa/é significado. Deve-se pontuar, todavia, que esse reconhecimento do vídeo do SINPRO-RIO como uma resposta ao vídeo do SINEPE, isto é, da mobilização do seu discurso no discurso do sindicato dos professores, se dá de modo distinto dos observados quando da análise da mobilização do discurso da Fiocruz. Isso porque o discurso do SINEPE, no vídeo do SINPRO-RIO, só comparece de forma não marcada, visto que em nenhum momento é feita referência a essa instituição ou ao vídeo por ela produzido.

Segundo Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade mostrada é não marcada, quando se tem uma forma distinta, em relação à marcada, de negociação com a heterogeneidade constitutiva. Na heterogeneidade mostrada marcada, tem-se a ilusão de se demarcar o que é do outro e o que é de si. Já a heterogeneidade mostrada não marcada constitui-se, conforme a autora, como “uma forma mais arriscada, porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34). Nesse caso, não há ruptura na cadeia sintática, no intradiscurso, ou qualquer outro elemento que promova a circunscrição do discurso (*do*) outro. Assim, onde o um e o outro parecem entrelaçar-se, fundirem-se, as formas de heterogeneidade não marcada “conduzem aos discursos que, bem mais próximos da heterogeneidade constitutiva, renunciam a toda proteção diante dela, e tentam o impossível ‘fazer falar’, no vertiginoso apagamento do enunciador atravessado pelo ‘isso fala’ do interdiscurso ou do significante [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34). É esse funcionamento que depreendemos no enunciado “Estas informações não são confusas. São estudos científicos”, que, recortado do vídeo do SINPRO-RIO, nega um outro enunciado que comparece no vídeo do SINEPE, qual seja: “Vimos que a ciência é a vacina. Estudos só confundiram”.

Nessa modalidade de negação do discurso do outro, como lembra Indursky (1997), enquanto a marca de negação é explícita (adv. *não*), o discurso do outro encontra-se implícito. Assim, se, por um lado, a marca de negação funciona como uma pista que permite estabelecer fronteiras entre o discurso do SINPRO-RIO e o discurso (do) outro, por outro lado, este, uma vez que não pode ser dito pelo enunciador, passa a constituir o indizível, permanecendo recalcado no interdiscurso específico. Trata-se, nesse sentido, conforme Indursky, do discurso da implicação, cujo “funcionamento transforma o discurso *do* outro em seu contrário e como tal o incorpora” (INDURSKY, 1997, p. 217). Essa incorporação do discurso (do) outro se dá na modalidade daquilo que Pêcheux ([1975] 2009) designou como discurso transversal. É o funcionamento do discurso transversal que, conectando entre si elementos discursivos provenientes de distintas regiões do interdiscurso, permite a internalização transversal de um discurso externo com o qual se estabelece uma relação de confronto e de refutação.

Dessa maneira, no movimento dos sentidos, “*ciência*” significa como vida nos dizeres do SINPRO-RIO e da Fiocruz, com o qual aquele se alinha. Contrariamente, em “*Estudos só confundiram*”, tal como enunciado pelo SINEPE, como pontuamos anteriormente, pela paráfrase que vai se estabelecendo, “*ciência*” significa como “*subtrair vida*”. Com isso, ao lado da disputa pela retomada ou não das atividades presenciais na escola, uma outra se coloca, qual seja, a que diz respeito ao que é e ao que não é considerado, a partir de um lugar ou de outro, como ciência.

Tem-se, então, entre os discursos do SINEPE, do SINPRO-RIO e da Fiocruz, um efeito de eco, no sentido proposto por Serrani (1991), que afirma:

Entendo que há paráfrase quando podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância interdiscursiva de significação, que tende a construir uma realidade (imaginária) de um sentido. Ressonância porque para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de eco entre as unidades; elas soam de novo, acontecendo uma vibração semântica mútua. A meu ver, a noção de ressonância permite incluir na própria conceituação de paráfrase, o sujeito da linguagem, pois ela sempre ressoa para alguém, tanto na dimensão dos interlocutores empíricos projetados no discurso (projeção para qual é fundamental o domínio das formações imaginárias), quanto para a dimensão do sujeito, no sentido foucaultiano do termo, ou seja, o do lugar dominante de enunciação em uma formação discursiva de referência. (SERRANI, 1991, p. 103-104).

Para a autora, pela noção de ressonância se projeta o sujeito de linguagem no jogo das relações parafrásticas, produzindo-se um eco, um soar e ressoar de sentidos que se ancoram “na formação discursiva de referência”. Esse funcionamento, que, com Authier-Revuz, atribuímos à heterogeneidade mostrada marcada e não marcada, nos possibilita passar de uma materialidade a outra, observando o movimento entre paráfrase e polissemia e depreendendo as relações e as fronteiras (sempre porosas) entre as formações discursivas.

Como vimos, o dizer do SINPRO-RIO mobiliza tanto o dizer do SINEPE quanto o da Fiocruz. Essa mobilização, entretanto, se dá de formas distintas, o que, a nosso ver, é marca da assimetria, da desigualdade, entre os lugares ocupados por essas duas instituições no discurso do sindicato dos professores. Neste, como vimos, traz-se para o jogo de sentidos, por meio da representação e da modalização do discurso (*do*) outro, os dizeres da Fiocruz em seu *Manual sobre Biossegurança para reabertura de escolas no contexto da COVID-19*, no qual ressoam, por sua vez, as discussões resultantes do Fórum de Articulação Educação Básica e Universidade na Baixada Fluminense do RJ: pelo direito à vida e defesa da ciência (SDs A', A'', B e C). A relação é aqui, como anunciado, de identificação: o SINPRO-RIO, enquanto instituição, ao projetar-se como sujeito do dizer, identifica-se aos sentidos filiados ao discurso da Fiocruz.

O mesmo não ocorre quando observamos a relação entre o discurso do SINPRO-RIO e o do SINEPE, que, como vimos, é significado como contrário daquele, justamente porque os dois sindicatos inscrevem-se em formações discursivas não apenas diferentes, mas contrárias. Dito de outro modo, com o alinhamento ao discurso da Fiocruz, esta passa a funcionar no discurso do sindicato dos professores como argumento de autoridade mobilizado para refutar o discurso do sindicato patronal sobre a retomada das atividades presenciais na escola.

## 7 O texto termina, mas a pandemia e as disputas seguem

Queremos finalizar com um último enunciado que nos parece colaborar para a discussão, não pelo seu fechamento, mas exatamente por nos permitir deixar em aberto nossa leitura, porque esse texto termina, mas as condições materiais de existência embasam os discursos que se (re)produzem em nossa sociedade.

Na materialidade verbal do vídeo do SINPRO-RIO, lê-se: “Prezamos pela saúde de toda a comunidade escolar e acreditamos na vida e na ciência acima do lucro.”. Se, no vídeo do SINEPE, a escola era dita como o espaço do “*reflorir*”, pela metáfora que, como afirmamos, apaga a capacidade de transmissão do vírus, na retomada que faz o SINPRO-RIO, evidencia-se a ligação daquela instituição com o capital, em uma perspectiva cuja primazia é o lucro e não a saúde pública. “Vida” e “ciência” contrapõem-se aos valores monetários visados pelos proprietários das escolas privadas, representados pelo SINEPE. Desse modo, o SINPRO-RIO evoca o discurso do capital, metaforizado pelo “lucro” e opõe a este o discurso científico<sup>8</sup>.

Como se lê em Marx & Engels (2010, p. 40), na epígrafe deste artigo, “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes”. As disputas de sentidos nas materialidades analisadas ultrapassam os dizeres sobre a ciência, quando dizem sobre o espaço escolar contrapondo-o ao lucro. O SINEPE, como afirmado ao longo deste artigo, representa os empresários da educação, ao passo que o SINPRO-RIO, professores e professoras do Município do Rio de Janeiro e região. Os primeiros investem na educação com vistas a um retorno, a educação mercadológica<sup>9</sup> que, atualmente, tem espaço na elaboração, inclusive, de projetos político-educacionais, tendo participado ativamente da última fase de produção da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL,

---

<sup>8</sup> Não entraremos, neste artigo, na discussão sobre a máquina do capital que move as farmacêuticas e outras empresas do ramo da saúde, estética *etc.*, grandes empresas que testam seus produtos e medicamentos nos países africanos ou em questões que mostram o movimento da ciência vinculado ao lucro. Esse seria o tema para outro estudo. Buscamos, nesse texto, chamar a atenção para o funcionamento nas/das materialidades analisadas, não as tomando como uma verdade ou buscando comprovar um ou outro posicionamento, mas seguindo as marcas materialmente inscritas pelos/nos dizeres dos sindicatos.

<sup>9</sup> A esse respeito, cf. Costa, Farias e Souza (2019).

2018). Já professores e professoras da rede privada do Município do RJ não produzem exclusivamente na expectativa de lucro, mas estão subordinados/as aos seus mantenedores, empresários da educação. Apesar disso, isto é, embora estejam nessa relação, o seu sindicato diz de outro lugar, na tentativa de garantir os direitos dos seus representados, independentemente do fato de que a redução do número de aulas presenciais significaria menos lucro para o patronato. A disputa está, pois, não só nos sentidos sobre ciência, mas na luta de classes, na relação empregador/empregado, bens de consumo/consumidor, lucro/vida<sup>10</sup>.

Vale ressaltar que, como nos lembra Pêcheux (2011 [1976], p. 249), “nada no mundo se desenvolve sem contradição”, tomada discursivamente como efeito da luta de classes. Assim é que, com o percurso analítico empreendido, foi possível depreender como o discurso do SINEPE se apropria de fragmentos do discurso científico para validar seu lugar de autoridade e impor-se como verdade única e inquestionável, silenciando, para tanto, o dizer da ciência, dos professores e do seu sindicato, bem como dos demais profissionais da educação, embora suponha, de diferentes modos incluí-los. Nesse funcionamento, a partir do discurso capitalista que sustenta o discurso do sindicato patronal, produz-se um discurso *sobre* a ciência, estabelecendo-se redes parafrásticas que opõem o que é e o que não é desse lugar considerado “ciência”. Assim, de um lado, tem-se a formulação de que “a ciência é a vacina” e, de outro, a de que “Estudos só confundiram. Trancar todos em casa não é ciência”. A contradição de que nos fala Pêcheux opõe, desse modo, no dizer do sindicato, interesses sanitários a econômicos, mas essa oposição não se materializa de forma simétrica, já que, ao dizer *sobre* a ciência, o discurso *da* ciência é desconstruído e reconstruído a partir do discurso capitalista que sustenta o discurso do sindicato patronal. Daí entendermos com Orlandi (2011, p. 10) que, no que respeita a movimentos sociais, por meio da ilusão de inclusão, consensos são (re)produzidos de modo que seu funcionamento se constitui “como mais um componente do que no marxismo se chama de processo de alienação”.

---

<sup>10</sup> Lembremos da frase do dono de uma conhecida cadeia de restaurantes que, no início da pandemia, afirmou: “Brasil não pode parar por 5 ou 7 mil que vão morrer”. Disponível em: <<https://bit.ly/3Goi1A>> Acesso em: 10 maio 2022.

De outro modo, o SINPRO-RIO se coloca em uma posição de retomada do *discurso da ciência*, pela heterogeneidade mostrada marcada, vinculando seus dizeres a uma reconhecida instituição que atua no campo da saúde pública, a Fiocruz, ao tempo que se contrapõe, pela heterogeneidade não marcada, ao outro sindicato, refutando, assim, os sentidos de escola, ciência e vida reproduzidos no vídeo do SINEPE.

A título de fechamento, podemos afirmar que esta foi uma leitura acerca de materialidades que têm a disputa de sentidos sobre a escola no centro de sua discussão e que poderia conter outras diversas materialidades, visto que o lugar da educação é um lugar de disputa de sentidos e de luta de classes. O discurso *sobre a escola* é atravessado pelo discurso do capital, da produtividade, do resultado, do mérito. Sobre o que aqui se tratou, podemos dizer que a pandemia continua, as lutas de classes e as disputas de sentidos também.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos da Unicamp**, Campinas, n. 19, p. 25-42, ju/dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursivas – no coração do dizer. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, jan/mar. 2011.

AUTHIER-REVUZ, J. Modalisation par discours autre et bivocalité. In: TOMASSONE, R. (org.). **Une langue: le français**. Paris: Hachette, 2001. p. 199-201.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CONSELHO PLENO. **Resolução nº 4, de 17 de dezembro de 2018**. Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM), como etapa final da Educação Básica, nos termos do artigo 35 da LDB, completando o conjunto constituído pela BNCC da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, com base na Resolução CNE/CP nº 2/2017, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 15/2017.

COLAÇA, J. P. **O discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção: uma análise dos pronunciamentos de Fidel Castro**. 2010. 206 f. Dissertação (Mestrado

em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

COLAÇA, J. P.; COSTA, T. de A. da. “Confinar” e “reflorir”: o discurso do capital sobre a ciência e a escola em tempos de pandemia. **Anais do X SEAD** - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Recife: UFPE, 2021.

Disponível em: <https://www.discursousead.com.br/x-sead-2021>. Acesso em: 10 mar. 2022.

COSTA, M. da C. dos S.; FARIAS, M. C. G. de; SOUZA, M. B. de. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a formação de professores no Brasil: retrocessos, precarização do trabalho e desintelectualização docente. **Movimento-Revista De educação**, [s. l.], v. 10, p. 91-120, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/mov.voi10.535>.

DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, set.-dez. 2015.

ESTEVES, P. M. da S. “Fique em casa”, “Se puder, fique em casa”, “Se precisar sair, use máscara”: imperativos e condicionais de uma pandemia. In: BAALBAKI, A.; SILVA, L. F. A. (orgs.). **Discursos da pandemia**: entre dores e incertezas. Campinas, SP: Pontes, 2021. p. 69-80.

FIOCRUZ. **A fundação**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/fundacao>>. Acesso em: 15 maio 2022

FIOCRUZ. **Manual sobre Biossegurança para reabertura no contexto da COVID-19**. 1a versão. 2020. Disponível em: <[https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/manual\\_reabertura.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/manual_reabertura.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2022.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 268 p.

LAGAZZI, S. O recorte e o entremeio: condições para a materialidade significativa. In: RODRIGUES, E.; SANTOS, G.; CASTELO BRANCO, L. (orgs.) **Análise do Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre – uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas: Editora RG, 2011. p. 401-410.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEDEIROS, V. G. “Uma reflexão sobre intervenções dos escritores e o efeito verdade”. In: FLORES, G. G. B.; GALLO, S. M. L.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N. R. M.; PFEIFFER, C. C.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: Cultura e Mídia. Vol. 3. Campinas: Pontes, 2017. p. 131-142.

MOTA, E. “Brasil não pode parar por 5 ou 7 mil mortes, diz dono do Madero.” **Congresso em foco**. Disponível em: <<https://bit.ly/3G1o1A>> Acesso em: 10 maio 2022.

NEVES, J. N. EPSJV/Fiocruz. **Manual apresenta recomendações de biossegurança para reabertura de escolas no contexto da Covid-19**. Disponível em:<<https://bit.ly/3G4775E>>. Acesso em: 10 maio 2022.

ORLANDI, E. O discurso pedagógico: a circularidade. In: ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ORLANDI, E. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. **Anais do I SEAD**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/iSEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2022.

ORLANDI, E. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008 [1990]).

ORLANDI, E. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2009 [1999].

ORLANDI, E. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane (Org.). **E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital**. Labeurb, Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1975].

PÊCHEUX, M. Posição sindical e tomada de partido nas ciências humanas e sociais (1976). In: ORLANDI, Eni (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 231-250.

PEREIRA, I. F. CORBO, A. DE PAULA, T. S. G. MENDONÇA, F. C. R. VALLE, S. **Manual sobre biossegurança para reabertura de escolas no contexto da COVID-19**. Rio de Janeiro, 1ª versão, 13 de julho de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3VfcOCe>> Acesso em: 10 maio 2022.

RIO DE JANEIRO. **Decreto sanitário nº 46.973**. Secretaria de Estado de Fazenda do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, RJ, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3YAVE4T>> Acesso em: 15 abr. 2022.

ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. Efeitos de sentido em cartuns: sujeito e consumo da/na rede eletrônica. **RUA** [online], Campinas, v. 2, n. 19, p.107-118, 2013.

SERRANI, Silvana Mabel. **A paráfrase como ressonância interdiscursiva na construção do imaginário de língua - o caso do espanhol riopratense**. 1991. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1991.

Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. **Campanha “Dignidade na educação. Respeito @professor/a. Ao lado da ciência e da vida.”** Disponível em: <<https://bit.ly/3Pl2y4f>>. Acesso em: 10 maio. 2022.

UOL. **Sindicato de Escolas Privadas do Rio critica Isolamento social**. Disponível em: <<https://bit.ly/3FCbnbn>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

**Recebido em 31/05/2022.**

**Aprovado em 31/08/2022.**